

JOVENS LGBT+ E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

Maria Eduarda Erlacher de Figueiredo

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Esse trabalho objetivou caracterizar duas experiências distintas de jovens alunos LGBT+ com a educação física escolar. A partir de entrevistas semiestruturadas, relatam sobre as barreiras no ambiente escolar, bem como estratégias e negociações empreendidas em questões como suas relações com as turmas, professores/as e coordenação, sobre a participação em atividades esportivas nas aulas, no recreio e outros momentos, além de uso dos espaços generificados como os banheiros.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade; escola; esporte.

INTRODUÇÃO

A escola é um local de normalização. É ali que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser aparecem como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de forma violenta (MISKOLCI, 2012, p. 38). Dentre outras coisas, aprende-se que o comportamento sexual normal esperado é o heterossexual. Normal que vem das normas, que assim emitem alertas e se fazem valer. Sob controle dos pais, da escola, da sociedade em geral, sob ameaças de retaliações e violências, crianças vão se moldando conforme gênero e sexualidade hegemônicos. Somos educados nos aspectos de sexualidade ainda que estes não sejam verbalizados ou voluntários e ainda que estas sejam temáticas retiradas da prescrição dos planos de educação.

Nas aulas de educação física, a normalização atravessa os corpos de modo a inscrever neles uma série de práticas e significações, por ser o contexto privilegiado por meio do qual se experimenta o conhecimento dessa disciplina (CAMARGO, 2016). Evidentemente, corpos são educados a todo momento pela escola, pela mídia, pela religião, pelas práticas corporais, que ajudam a produzir padrões de comportamento, de vestimenta, de correções, de alimentação, de saúde (GOELLNER, 2010). É, todavia, na esfera esportiva que algumas

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

verdades consideradas “naturais” se estabelecem com mais força, pregando que existem corpos mais “aptos” a performatizar atividades físicas que outros. A masculinidade hegemônica assume um caráter agressivo, violento que implica virilidade, força. Espera-se do corpo esportivo justamente essas características de modo que se esse corpo não performatiza esses atributos, dentro daquele contexto, ele é não normativo (CAMARGO, 2016).

Em estudo recente realizado no Brasil (ABLGBTT, 2016, p. 29), estudantes LGBT+ disseram que os espaços na escola que mais evitam por sentirem-se constrangidos/as ou inseguros/as são: banheiros (38,4%), aula de educação física (36,1%), vestiários (30,6%) e quadras ou instalações esportivas (22,1%). Ou seja, os locais mais evitados por estes/as estudantes estão vinculados à educação física ou ao esporte. Os índices de desmotivação e desistência do meio esportivo por experiências nas escolas são elevados e o grande desinteresse pode significar a ausência de valoração positiva com as práticas desportivas.

Assim, o objetivo desse trabalho foi caracterizar duas experiências distintas de jovens alunos LGBT+ com a EF escolar para compreender parte deste cenário nas escolas, nas aulas de educação física e da relação com o saber esportivo a partir de pontos como participação esportiva, relação com a turma, professores/as, coordenação e uso dos ambientes esportivos.

METODOLOGIA

Realizamos entrevistas com dois alunos com mais de 18 anos, o Pedro e o Lorenzo², que se identificam como LGBT+. Os encontros ocorreram em 2020, virtualmente. Pedro cursava o 3º ano e Lorenzo havia finalizado o Ensino Médio no ano anterior. Com cada um deles, realizamos duas entrevistas individuais. A primeira delas seguiu um roteiro semiestruturado com questões: a) para conhecermos melhor os jovens e seu contexto pessoal e escolar; b) mais centrais à educação física e à prática e participação esportiva e; c) pontos recorrentes nos artigos de nossa revisão envolvendo a utilização de banheiros, relação com professores/as, coordenação e turma, etc. Na segunda buscamos dirimir dúvidas que tivemos nas análises.

² Nomes fictícios.

PEDRO E LORENZO: CORPO INATIVO E CORPO ATIVO

Os dois jovens são da mesma região e fizeram o Ensino Médio em escolas públicas estaduais. Pedro se identifica como homem gay e desde cedo percebeu que não se encaixava no considerado “hétero padrão” em virtude de uso de suas vestimentas e comportamentos. Tem forte apoio familiar e é uma pessoa aparentemente empoderada que vai atrás de seus direitos e não parece aceitar passivamente casos agressivos a ele e aos seus. Na escola não gostava de participar das aulas de educação física e não se sente competente na prática esportiva. Pelo descrito, foi caracterizado por nós como inativo neste espaço.

Lorenzo se identifica como homem transexual desde o 1º ano do EM e conta que desde criança percebia algo que parecia “errado” e que fazia parte dos “alunos diferentes”. Tem uma relação mais conflituosa com sua família, que não o acolhe por sua identidade de gênero. Ao contrário de sua casa, sentia-se bem no espaço escolar. Aprendeu a jogar futebol na rua quando criança e sempre gostou das aulas de educação física. Sente-se competente na prática de esportes, sendo caracterizado por nós como ativo.

Jacó e Altmann (2017) dizem que, no sentido tradicional, as aulas de EF vão produzindo e estimulando corpos ativos e corpos inativos, cuja raiz encontra-se na normatividade de gênero. Pela recusa de alguns alunos/as de se envolverem nas aulas, Oliveira e Daolio (2014) investigaram a periferia da quadra e a intitularam de “pedacinho impraticante”, destacando a oposição cômoda que essas pessoas fazem às aulas, uma vez que são alunos/as que não se reconhecem diante daquele conhecimento (em geral esportivo) e do modelo de aulas (em geral mais tradicionais), optando por se automarginalizar. Se o objetivo da educação física é integrar a pessoa ao mundo da cultura corporal de movimento, a não problematização e subversão dessas desigualdades vão, ao longo da história, gerando hierarquias nas aulas e no acesso a esse conhecimento.

Assim, algumas violências acontecem nas aulas de educação física. Muitas vezes, os corpos de pessoas não normativas são marginalizados nesses espaços porque são corpos que transgridem. Mas também são às vezes marginalizados, como no caso do Pedro, não apenas por ser um corpo transgressor, mas porque também é um corpo considerado inábil/inapto para as práticas realizadas nas aulas. Pela entrevista do Pedro, a principal questão da marginalização é ser um corpo masculino que não responde aos padrões de masculinidade hegemônica, não apresentando as características esperadas para um menino realizando

aquelas atividades. Em função disso, haveria um desinteresse dos/as professores/as por esse corpo, que é repetidamente sentido pelo Pedro quando nota a falta de mobilização dos/as professores/as em incluí-lo. Quando participava era por obrigação. Parecia ser mais cômodo para ele, de alguma forma, se esconder. É um agenciamento de acomodação diante da condição de marginalização que sentia.

Interessante é que Pedro adorava participar dos Jogos Interclasse, queria pertencer, ser necessário à turma. Só não queria jogar. Sua baixa percepção de autoeficácia no esporte dificulta que sinta prazer em jogar, uma vez que sua participação é sempre permeada por sentimentos de inabilidade ou de punição. Paradoxalmente, Pedro faz Kickboxing, gosta bastante da academia e da dinamicidade das aulas. Isso demonstra que, talvez, a principal barreira não se tratasse de pôr o corpo em movimento, mas de criar as circunstâncias que tornassem o “se-movimentar” prazeroso e acolhedor.

Denominamos o Lorenzo como “corpo ativo” porque ele compunha o grupo das pessoas que, no âmbito das práticas esportivas, jogava e que queria jogar. Adorava as aulas de Educação Física que, por sua descrição, eram praticamente só “jogar bola”. Entretanto, quando o assunto é o recreio a situação é outra: “no recreio aí já não dava, né?” Justificando-se diz que era sempre o mesmo pessoal que jogava e que ele não tinha vontade, que brincava de outras coisas.

Ponto relevante é que o Lorenzo treinava e competia pelo time de vôlei feminino da escola. Não se sentia completamente bem no time, mas conta que naquela época não corria tanto atrás de seus direitos e preferiu “não comprar essa briga”. Recebia tratamento similar quanto ao uso do banheiro masculino, visto que a coordenação da escola não permitia sua utilização sob o risco de ser punido com uma suspensão disciplinar. No entanto, de vez em quando entrava no banheiro masculino para “testar a paciência” da coordenadora, o que nos parece um ato de tensionamento às normas colocadas.

Os jovens relatam episódios de discriminação com alunos/as trans e com casais homossexuais partindo das coordenadoras. Isso demonstra, no mínimo, o despreparo da escola em lidar com pessoas trans e com situações que envolvam sexualidade. Os relatos dão indícios de que há baixo apoio da instituição escolar às pessoas LGBTQ+ e de que a responsabilidade de se posicionar, de correr atrás dos direitos fica toda sob os ombros delas.

O acolhimento existente parece ficar totalmente à critério da sensibilidade de cada um dos/as professores/as e coordenadores/as individualmente.

Lorenzo ressalta ter sido acolhido pela maioria dos/as professores/as, que demonstraram interesse em saber como ele gostaria de ser tratado. Poucos não tiveram “esse tipo de respeito” e uma dessas exceções ocorreu num sentido próximo a um caso que Pedro relatou. Ambos contam um caso de uma professora que foi intolerante em função de sua religião.

Sobre a relação com suas turmas, ambos falam de acolhimento e respeito. Contudo, falam também de exceções entre os colegas. Havia “piadinhas” ridicularizantes e, no caso de Lorenzo, alguns que continuaram o chamando por seu nome de registro. Mostram também que a relação com alunos de outras turmas, com quem não conviviam tanto, era um pouco menos receptiva.

Ambos concordam que temas que envolvem gênero, sexualidade, diversidade precisam pautar projetos escolares para auxiliar na formação de todas/os da escola – de estudantes até diretores/as. Contam que normalmente não há discussões sobre sexualidade ou gênero nas aulas de Educação Física. Pelas descrições, as aulas em geral seguem um modelo padrão de pouca elaboração, mais próximo da simples prática de algum esporte. Isso sugere que há espaço para a inclusão da transversalidade de temas como sexualidade e uma diversificação das aulas de modo a tentar incluir estudantes que, como Pedro, se afastam.

No entanto, fica evidente que as pessoas LGBTQ+ não são um grupo homogêneo e que não faz sentido pré-determinar comportamentos e sentimentos em relação ao esporte somente por caracterizar pessoas como não normativas. Ao mesmo tempo que aulas de Educação Física seja um espaço excludente para uns, podem ser também um espaço acolhedor para os corpos que não dependeram exclusivamente dela para se integrar. A prática esportiva pode ser acolhedora e ser o espaço em que esses corpos não normativos podem participar desde que vistos como aptos. Esse atravessamento da habilidade é algo que interfere tanto no gênero quanto para a sexualidade. Contudo, ela por si só não inibe outras discriminações e violências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas descritas tiveram como intuito compreender as relações destes dois jovens com o contexto da educação física escolar e com o conteúdo esportivo, percebendo as desigualdades existentes atravessavam os corpos e práticas corporais nas escolas. Buscamos



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

conversar sobre momentos de possíveis resistências com relação ao esporte, posturas e comportamentos com relação à turma e às/aos professoras/es. Vislumbramos a possibilidade da inclusão da discussão de temas de sexualidade nas aulas aliada à diversificação de conteúdos e métodos que tensionem o perfil de aulas tradicionais.

LGBT+ YOUTH AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This work aimed to characterize two distinct experiences of young LGBT+ students with physical education at school. From semi-structured interviews, they report on barriers in the school environment, as well as strategies and negotiations undertaken on issues such as their relationships with classes, teachers and coordination, on participation in sports activities in classes, at recess and other times, in addition to the use of gendered spaces such as bathrooms.

KEYWORDS: *sexuality; school; sport.*

JUVENTUD LGBT+ Y EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo caracterizar dos experiencias distintas de jóvenes estudiantes LGBT+ con educación física en la escuela. A partir de entrevistas semiestructuradas, informan sobre las barreras en el entorno escolar, así como las estrategias y negociaciones emprendidas en temas como su relación con las clases, docentes y coordinación, sobre la participación en actividades deportivas en las clases, en el recreo y otros momentos, en además del uso de espacios de género como baños.

PALABRAS CLAVES: *sexualidad; colegio; deporte.*

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015:** as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

CAMARGO, W. X. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, v. 22, n. 4, 2016.



GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.

JACO, J. F.; ALTMANN, H. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educação em Foco**, v. 22, n. 1, p. 155-181, 2017.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Na “periferia” da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 237-254, 2014.